

RUMO À CASSAÇÃO: Regina Borges reafirma que violou painel a pedido de Arruda, que falou em nome de ACM

'A minha alma será aberta com a verdade'

Os principais trechos do depoimento da ex-diretora do Prodasen que podem levar à cassação de Arruda e ACM

O CHORO

• Gostaria de ter passado sem precisar viver um momento dessa natureza. Pode deixar que vou me esforçar para não chorar, porque aí os senhores vão me entender melhor. Mas a vida me botou nessa situação e aqui estou. Sei que vou precisar constituir um advogado, porque sei que vou estar respondendo a um processo interno na Casa. Não quis fazê-lo hoje porque certamente um advogado teria cerceado a minha fala para me proteger daquilo que eventualmente eu tenha errado no processo e a minha verdade teria que sair interrompida ou cerceada. Não quero essa proteção. Quero falar a verdade inteira. Quero, como todos os outros envolvidos, cumprir, responder e me defender, como todos os outros terão o direito de fazê-lo. Por isso, minha alma será aberta com a verdade.

CASSAÇÃO

• Longe de mim estar aqui para querer cassar senador. Estou aqui para dizer a verdade. Gostaria de fazer rápida colocação sobre minha vida profissional. Entrei no Prodasen em 1º de dezembro de 1975, há mais de 25 anos. Entrei como estagiária de programação. Percorri todas as carreiras, todas as etapas técnicas dentro do órgão. Fui diretora-executiva do Prodasen, saf e, depois, com a entrada do senador Antonio Carlos Magalhães, voltei a dirigir o órgão, tive essa grande honra.

Gostaria de tocar em outro ponto que considero fundamental. Me dói profundamente a lesão que esse processo vai causar para a instituição Prodasen dentro do Senado e dentro desse país. O Prodasen é um órgão que tem sido de fundamental importância nos momentos mais importantes da Nação. Assim foi na Constituinte, assim foi durante todo o processo orçamentário, e é até hoje, assim foi durante todas as CPIs mais críticas dessa Nação. Há, sempre houve, e lamento profundamente ter quebrado isso, um processo de absoluta confiança entre senadores e servidores. Meus colegas do Prodasen, me perdoem. Dói imaginar o que vocês estão pensando que eu fiz pelo Prodasen. Mas, gente, fui eu, não foram eles. (ela começa a chorar) Não subestime o Prodasen a partir de hoje. As pessoas valorosas lá estão.

ANTONIO CARLOS

• Antes de entrar no mérito, eu gostaria de falar como lamento estar acontecendo isso em relação a dois senadores de minha estima e sobre o senador Antonio Carlos, que aprendi a respeitar e a admirar. Conheci como uma pessoa pública, assim de longe, mas só o conheci pessoalmente no meado. Falei já várias vezes ao longo desse tempo para todas as pessoas o quanto me impressionou a maneira séria como ele nos tratou. Nunca pediu nada que não fosse adequado, austero, muito demais, assim como muitas vezes extremamente terno. Foi essa a relação que tivemos com ele ao longo desses anos e, hoje, estou aqui tendo que fazer esse relato.

ARRUDA

• Lamento profundamente em relação à vida do senador Arruda. Mas tenho que falar o que aconteceu. Na véspera da votação da cassação do senador (Estevão) eu estava em casa à noite — não vou ficar falando de horários porque não tenho condições de fazer isso. Não tenho agenda eletrônica, registros. Imagino que por vol-

ta de oito e meia e nove horas, tocou o telefone, acredito que primeiro do gabinete, que depois transferiu para o senador, não sei. O fato é que era uma ligação do senador José Roberto Arruda, que falava que precisava conversar comigo pessoalmente. Eu perguntei: Vou ao Senado? Ele me perguntou: você mora onde? Na 216. Aí ele disse: então eu moro na 114, pertinho, pode vir até a mim? Posso. Chegando lá, ouvi um instrumento, perguntei-me: será que está havendo festa? Toquei, abriu uma gracinha de jovem que estava tocando um instrumento musical. Em seguida o senador me atendeu, o rapaz não ficou na sala. Disse que estava me chamando porque era uma, uma... ele estava em nome do senador Antonio Carlos, que me chamava para que eu providenciasse uma lista dos votos, de como votaram os senadores. Na hora eu não sabia o que dizer. Mas meu primeiro impulso foi dizer: senador, não tem como tirar essa lista daquele sistema. Aí ele falou: tem sim, porque tenho informação que tem. Tem como tirar e o presidente tá pedindo para tirar. E a conversa foi nessa direção. Parei, sem saber o que pensar. Nesses momentos a gente pensa tudo. Eu, sem saber que teria que pedir exoneração... isso não é o fim do mundo absolutamente, muito mais fim de mundo é eu estar sentada aqui hoje nessas cir-

cunstâncias. Como é que eu faço? Tenho que confessar que a minha ansiedade, meu temor... eu não suporto o voto secreto, acho que os senadores têm que mostrar como vão votar. A última frase que falei, ao levantar: senador, estarei saindo para tentar cumprir uma ordem. Cheguei em casa superafrita.

O MARIDO

• O Ivar, meu marido, também é funcionário do Prodasen há 25 anos. Aí eu contei para ele, esperando uma reação porque eu conheço os critérios dele, que são extremamente rigorosos. Ficou quieto, pensou... Fomos procurar o Heitor Ledur, ele tem um temperamento de militar. Se é ordem, vamos lá. Aí chegamos na porta da casa do Heitor, ele estava numa festa. Enquanto esperávamos, lembramos que tínhamos que chamar o gestor do contrato, a empresa. Conclui-se que tinha que pegar alguém que tinha participado da elaboração do software. Aí chamamos o tal Gazola... Aí nos preocupamos com a versão que daríamos. Decidimos que falaríamos pelo responsável do setor que era para a segurança do sistema, que podia dar um problema na hora da votação. Bom, aí ficou pronto, mas tinha que alguém para trazer a alteração do sistema para a sala de votação, isso já era de

manhã, era complicado, tinha muitos seguranças, mas eles entraram (o marido e outro técnico)... É terrível contar isso, mas tenho que contar.

A VIOLAÇÃO

• Eles entraram, mexeram, instalaram, já na manhã do dia da votação. Durante a noite preparou-se a mudança e de manhã se instalou. E deixou para o Heitor fazer a operação, mas aí já era a operação normal de retirar a informação. Depois que acabou a votação, voltou ao plenário, tirou o disquete e transcreveu, onde estava só o Ivar e eu, com o compromisso de não olhar o que estava transcrito lá. Colocamos num envelope pardo, uma folhinha sem timbre.

O RETORNO

• Veja bem, eu cumpria ordens. Então vou bancar até as últimas consequências. De manhã fiquei de dar um retorno ao senador Arruda, se tinha dado certo ou não. Por telefone falei que tinha feito e que à tarde seria entregue o relatório. E ele me disse que eu entregaria ao senador. Antes de ficar pronto, recebi um telefonema de um intermediário... Fiquei na dúvida sobre como entregar. Conversei tantas vezes com ele, o Domingos, que ia me esperar lá, tinha um mo-

vimento, um ato. E eu entreguei para ele. Ele sentiu a minha apreensão e falou: pode ficar tranqüila que isso vai conforme o senador falou. eu gostaria de voltar atrás um pouquinho. Quando eu me reuni com o pessoal do Prodasen eu não omiti nada sobre como foi o pedido. Eu disse ao senador Arruda que só tinha contado para meu marido, eu omiti dele que tinha contado aos outros. Era uma preocupação geral em relação aquilo. Eu não podia colocar em dúvida a palavra de um senador. Quando à noite eu cheguei em casa, dali a pouco recebi um telefonema do senador Antonio Carlos Magalhães. E ele falou na lista, valeu, alguma coisa assim. O senador é meio seco nas suas colocações, rápido nas conversas, mas houve esse telefonema. Razão de agradecimento. A partir dali, a gente queria esquecer que esse assunto aconteceu.

(Intervenção de Suplicy: gostaria se pudesse a doutora Regina explicar melhor o telefonema do senador Antonio Carlos...tumulto e o presidente disse que depois seria dada a palavra aos senadores).

HELOISA HELENA

• Não falamos mais no assunto, mas passou o tempo e um belo dia surge uma notícia sobre o voto da senadora Heloisa Helena. Aí começou o calv-

rio da gente, começamos a viver momentos de muita angústia, sabendo a gravidade do problema. Aí a senadora me mandou um pedido de provas que me facilitou a resposta, para eu não me mentir e também para não deixar de responder. Ela me perguntava se havia acontecido alguma falha, pane no sistema e se esse sistema podia tirar os votos. Eu respondi que não houve pane e que este sistema, o que estava funcionando na ocasião, não teria como tirar os votos. Então já estávamos no caminho de desmentir. Aí saiu outra notinha sobre os votos secretos dos senadores. Aí começamos ficar desesperados. Eu fui, então, procurar os senadores.

SIGILO TOTAL

• Perguntei ao senador Antonio Carlos o que é isso, senador, o que houve? Ele me disse o Arruda, não sei o que, me deu uma resposta neutra. E quando eu procurei o senador Arruda, ele falou assim para mim, isso aí é... não sei o que é... agora, isso tem que ser sigiloso até sob tortura. Ele usou essa expressão. Nesse momento eu senti o peso que estava em cima de mim. Quer dizer, qualquer problema, fui eu. Se fosse só eu, não teria problema, eu até segurava. Mas muitos estavam envolvidos no processo. Um senador, outro senador, o nome da senadora Heloisa Helena, um senador cassado, a imagem do Prodasen.

HEITOR LEDUR

• Com todo respeito que tenho a todos os senhores senadores, eu acho que o papel da gente aqui na terra, do ponto de vista político, de trabalho, mas, me perdoem, eu não consigo achar que um é melhor que outro. E quando falo na honra no conceito, e falo no conceito do Heitor, não é um conceito que merece menos importância do que vocês senadores. É um ser humano como todos. O muito da minha decisão de segurar isso era pelas pessoas envolvidas.

Aí deu uma acalmada até o fim do ano. Quando chegou o fim do ano, aí fala-se assim, a Regina queria ficar, tentando segurar. Não é verdade. O que aconteceu foi que quando aconteceu a eleição do Prodasen este ano eu declinei de participar. Eu não tinha mais a pretensão de ficar dirigindo o Prodasen em outra gestão.

Só que nesse momento surge aquela bomba. Um colega nosso do Prodasen telefonou pra mim dizendo que eu precisava vir aqui, tão falando que foi violado o computador, tão falando o nome da senhora... Eu sabia o que representava aquilo e eu tinha que representar o meu papel, segurar a onda. Aí daí a pouco aparece que eu tinha entregue a lista, tive que evitar a imprensa.

Aí o senador Antonio Carlos viajou para Miami e eu procurei o senador Arruda, e agora? Eram muitas as variáveis. No meu primeiro depoimento eu fiquei chorando, e eu falei que ninguém me deu ordens para violar o painel. E, além do mais, eu tinha que apoiar cada colega que ia. Logo de cara procurei o senador Arruda, procurei a orientação e a orientação era essa mesma que nós tínhamos que manter o silêncio em relação à coisa, segurar os meninos.

Aí quando chegou o senador Antonio Carlos Magalhães fui a ele e falei, olha senador, eu tenho duas grandes preocupações: uma era sobre o trabalho dos técnicos daqui, e, se a Unicamp descobrir... E eu até falei, senador, o senhor parar de brigar um pouco, para ver se maneira essa pressão sobre esse computador de votação. ■

“

“Se me resta alguma credibilidade, posso garantir que isso nunca aconteceu antes ou depois.”

“Avisei ao senador Arruda: não sou idiota, estou guardando minhas coisas e se acontecer alguma coisa, eu não vou ficar sozinha nisso não.”

“Arruda disse que o assunto era sigiloso até sob tortura.”



Ailton de Freitas

“Não me botaram faca no pescoço, mas era um pedido do presidente do Senado”

“Aqui na terra cada um tem seu papel. Não consigo achar que um é melhor que outro. O Heitor (Heitor Ledur, controlador do painel) ou eu somos iguais a um senador. Temos família também. Meus pais têm 60 anos de casado e pedi para que não assistissem a isso para não ficarem nervosos. Mas meus filhos, noras e netos estão vendo”

”